



BATE A CABEÇA,
FILHOS DE UMBANDA, SALVE
OXALÁ E A NOSSA BANDA





GRANDE REPORTAGEM SOBRE A UMBANDA E O CANDOMBLÉ, EXPLORANDO O PRECONCEITO COM RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA. ALÉM DISSO, ESTE TRABALHO TAMBÉM RETRATA AS CRENÇAS E ROTINA DE AMBAS.



**TEXTO PRODUZIDO PELAS ALUNAS
DE JORNALISMO DA ESPM-SP:**

**BIANCA PANCINI
DENISE GABRIELLE GONÇALVES
HELOÍSA FREITAS
ISABELLA PUCCINI
VITÓRIA SANCHES**

Mãe Luci -

A gente é taxado como “macumbeiro”. Você vê uma pessoa como eu, que anda a caráter. Todo mundo que me vê com turbante já me chama de macumbeira. A maioria das pessoas não conversam com você, tem medo de você, nem senta perto de você. Eu tenho uma loja há 21 anos, tem pessoas que não passam nem na minha porta, com preconceito de você ser espírita candomblecista. Qualquer pessoa que for espírita é macumbeira, pra eles são macumbeiros. É uma religião muito bonita, uma religião de axé, uma religião de fé, e as pessoas que acreditam nela, têm um resultado. O resultado é, paz, saúde da família, a união. Ninguém vai para um Candomblé, uma Casa de Santo pra ficar rico. Tem algumas lendas que falam “ai, eu nunca vi um macumbeiro rico”, mas você não vai pra isso, você vai pra ter paz interior e espiritual.

Eu sou do Candomblé e frequento igreja, vou na igreja Mundial. Mas lá é o único lugar que eu não uso meu turbante, pra não ter a possibilidade de ser agredida dentro da igreja e ser escoraçada de dentro de lá. Eu tiro o pano e vou, mas ninguém do Candomblé ou da Umbanda vai lá afrontar eles, mas eles afrontam a gente. Esses dias, no Rio de Janeiro, queimaram um candomblé, mas os próprios evangélicos se reuniram e ajudaram a reconstruir. As religiões precisam ser unificadas, para não ter esse preconceito.

Há alguns anos faço festa de Cosme e Damião, e eu saía pedindo doce, uma ajuda pra dar os doces das crianças. Em um dia assim eu fui agredida. Um pastor me pegou e apertou meu braço, eu estava com uma peneira de doce, ele me fez derrubar a peneira, ele me socou o braço. Sorte que eu conhecia uma pessoa que estava passando e ela veio me acudir. Mas foi um perrengue, juntou gente, as pessoas só olhavam, um cara em cima de mim gritando que eu estava com o demônio. Eu não acredito que ninguém tenha demônio. Esse cabra que me atacou, ele mandava eu soltar, porque eu estava com o demônio. Eu passei mal, mas me acudiram. A única coisa que resolveu, foi alguém ir bater no pastor, só assim ele me soltou. Por isso eu nunca mais fui pra rua pedir, porque fiquei com medo de ser agredida, não verbalmente, mas sim fisicamente. Eu tive que engessar o braço. Depois disso meu marido me proibiu de ir pra rua, me disse que eu não precisava ficar pedindo. Foi assim que ele se incubiu de todo ano ajudar também na compra dos doces. Nossa religião é muito linda, quem não conhece deveria conhecer e assistir.

QUEM É MÃE LUCI? - Nascida na Bahia, mas veio para São Paulo muito nova. Hoje em dia tem 69 anos, é costureira e candomblecista há aproximadamente 30 anos, mas nem sempre foi assim. Sua família era da Umbanda, e seguiu a religião até certo tempo, entretanto, através de uma revelação feita por meio do jogo de búzios, percebeu que o candomblé seria a melhor escolha para seguir sua fé. Mãe Luci era uma pessoa muito doente, e seus orixás precisavam de um sacrifício por parte da mesma para curá-la, e apenas o Candomblé permitia tal oferta. Depois disso se identificou muito com a vertente e hoje é mãe de santo. Além dos cinco filhos de sangue, possui mais alguns filhos de santo, que faz questão de cuidar com muito amor.



Ao lado de seu santuário, a costureira baiana mostra como em sua casa tem espaços destinados a religião



Jussara Santos -

O papel da religião na minha vida é tudo. Sem religião, nós não podemos ter uma vida saudável. Para mim, o mais importante é família e religião. Se nós tivermos esse alicerce de ter uma família e ter a religião, nós conseguimos enfrentar todos os obstáculos da nossa vida. Eu fui morar fora, eu estudei fora, e a minha religião sempre me acompanhou.

Em relação ao preconceito, sempre teve, né? Na escola, colégio de freira... sempre sofremos preconceito por sermos espíritas. Se você fala que é umbandista, sempre falam que a gente mexe com macumba. Sempre existiu. Em época de escola, eu tinha amiga que os pais eram católicos e sempre teve a rejeição da minha presença. Sempre achavam que eu ia virar a cabeça dos filhos. Então eu sempre tive pessoas que me olhavam de uma forma que eu iria trazer o mal para a família deles. Mas sempre foi assim, sempre continuei amiga, sempre tive as pessoas perto de mim vendo, pelo meu exemplo, que não é a religião que faz a pessoa. Ela nos fortalece para enfrentar os nossos problemas.

QUEM É JUSSARA SANTOS? - Moradora de Pouso Alegre, é psicóloga e tem 64 anos. Sua família sempre foi espírita e foi responsável por fundar o primeiro centro de Umbanda da cidade. Hoje, ela frequenta o terreiro de sua família (Tenda do Pai Euzébio) toda segunda e quarta-feiras. Jussara não possui mediunidade, mas sempre tenta ajudar quem precisa, através de passes e orações.



Júlia Oliveira -

A religião é um alicerce muito forte na minha vida. Não só a Umbanda e o Espiritismo, mas a espiritualidade em si. Nela eu encontro a calma e a força que o dia a dia exige. Já sofri intolerância religiosa na escola, foi

algo me marcou muito e pessoas já se afastaram por medo. Desde então, é algo que me deixa angustiada em pensar que pode acontecer novamente; prefiro falar apenas às pessoas próximas a mim e à minha família.

QUEM É JÚLIA OLIVEIRA? - Espírita desde criança, Júlia possui 20 anos e é estudante de medicina na cidade de Itajubá. Começou a frequentar a umbanda com 15 anos e prosseguiu até o final do Ensino Médio, quando se mudou de Pouso Alegre, sua cidade natal. Ela ainda frequenta o terreiro nas férias e conseguiu diminuir sua síndrome do pânico através da religião.



Belmira Cruz -

Muita coisa muda na nossa vida (depois da Umbanda). Tem gente que é muito restrita à amizade. Têm pessoas que se aproximam de você porque você pode chamar o guia para ajudá-las e tem pessoas que se afastam de você achando que você é do diabo. Esse é o preconceito que rola.

Isso daí é em todo lugar. Eu era decoradora de festas e eu não costumava expor minha religião porque um decorador de festas faz muitos eventos para religiosos e as pessoas procuram nas redes sociais para ver a sua índole. Então assim, eu já tive gente que cancelou festa comigo porque veio me perguntar ‘Ah, eu vi que você curte muitas coisas de Espiritismo, Umbanda. Você é da religião?’ E eu falei sim. ‘Ah, então, eu vou ter que cancelar com você porque na minha igreja a gente não pode. Você entende? Desculpa.’ Quer dizer, ali é um preconceito. Por mais desculpas que peçam é um preconceito. A pessoa não realizar o seu trabalho, que não tem nada a ver com religião, por uma escolha sua de fé.

QUEM É BELMIRA CRUZ? - Belmira “Bel” Cruz Pereira tem 47 anos e costumava decorar de festas, mas recentemente abriu mão da jornada dupla para cuidar de dois filhos pequenos. Bel já conhecia a religião Umbanda quando descobriu sua mediunidade aos 26 anos de...

... idade. Após isso levou alguns anos para que conhecesse sua mãe de santo, a Mafalda, ambas iam juntas no terreiro para trabalhar os guias e os colocar em terra. Ela nunca fez nenhum trabalho ou se manteve fixa em um terreiro pois isso não era de agrado de seus guias, mas já carrega um pouco mais de vinte anos de experiência como médium.



Algumas das guias da umbandista Belmira Cruz



Bruno Maia -

Religião vem do latim “religare”, que significa que ela vem para religar o ser humano ao sagrado, ao divino. É bem esse o papel da Umbanda na minha vida, ela me mostrou e me deu as ferramentas. Nos cultos eu conversando com as entidades, eu consegui acessar ferramentas e recebi ensinamentos que hoje me possibilitaram fazer essa religação, esse religare, com o sagrado, com deus.

Já sofri preconceito sim, mas não é aquele preconceito de ódio, que a gente vê no jornal por aí. É um preconceito de ignorância, de desconhecimento sobre o que é a Umbanda, sobre o que é aquele culto, que infelizmente é muito comum com qualquer religião que utilize de elementos africanos nos seus cultos. Foi preconceito de parentes próximos, e ele começou quando eu comecei a entrar mais de cabeça na Umbanda. Fazia um tempo que eu tinha já entrado para o culto, que eu tinha começado a incorporar aquilo para minha vida, então foi quando o negócio começou a ficar mais sério que, para mim, a resistência surgiu. Como eu falei, é uma resistência por não saber e por não ter certeza do que é realmente o culto e a religião. Quando a gente não conhece, a gente tem medo, e foi o que aconteceu na ocasião. Mas hoje em dia, essa resistência e esse preconceito não existem mais pois é muito comum, infelizmente, esse tipo de preconceito, e eu fui explicando com calma e desmistificando os conceitos deturpados que meus parentes tinham da Umbanda, achando que era para fazer coisa para o mau e esses tipos de coisa que o pessoal fala das religiões de matriz africana e que na verdade não é, a Umbanda não é isso. Não existe feitiçaria, amarração e esse tipo de coisa.

QUEM É BRUNO MAIA? - Estudante de medicina em Pouso Alegre, possui 20 anos e foi criado em berço católico. Porém, aos 17 anos, descobriu a Umbanda, onde se encontrou espiritualmente. Atualmente, frequenta a Tenda do Pai Euzébio (terreiro de Pouso Alegre) às quartas-feiras, participando de trabalhos especiais e exclusivos.



BRASIL: O PAÍS DA DIVERSIDADE DE PRECONCEITOS

Considerado o “país da diversidade”, não é segredo que o Brasil reúne inúmeras culturas, etnias, raças e costumes diferentes. Presente na personalidade do povo brasileiro, a questão da fé e da espiritualidade é um dos elementos que contempla uma pluralidade de diferentes vertentes e crenças. Apesar de se constituir como um Estado laico livre de discriminações religiosas, a prática e as estatísticas não mostram uma realidade tão perfeita assim.

De acordo com o Ministério dos Direitos Humanos, um levantamento realizado no ano de 2018 apontou que 210 denúncias de discriminação por religião foram registradas, através do Disque 100, somente no primeiro semestre do ano. A pesquisa também indicou que o uso desse serviço aumentou 7,5% em relação ao ano de 2017. Nesse cenário, é necessário repensar a tal diversidade brasileira em meio a um contexto social ainda preconceituoso e de pensamentos discriminatórios ultrapassados.

O que se deve compreender é que a multiculturalidade é uma característica desvinculada da convivência respeitosa entre os diferentes grupos religiosos. Muito disso também é uma herança da construção histórica de nosso país: a colonização dos povos nativos que aqui viviam, através da expansão do mundo ocidental para as demais localidades globais implicaram em uma desvalorização de outros povos e culturas alheios à lógica europeia.

Além disso, trazidos sob condição de escravidão para o Brasil, os povos africanos eram duramente reprimidos e vistos como subalternos ao demais. Segundo o sociólogo e pesquisador Pedro Jaime, isso explica muito do preconceito religioso existente em nosso país. “Essas religiões que são perseguidas, isso não é por acaso, é uma construção que vem historicamente e que remete desde o racismo científico do século XIX, da ideia de inferioridade supostamente biológica que portanto produziria uma cultura inferior, menos sofisticada. Não é atoa que durante muito tempo as religiões de matriz africana não eram consideradas religiões, elas eram consideradas crendices, superstições, não tinham o mesmo status que outras religiões de matriz mais ocidental. Então todo esse histórico dessa formação do país e da parte da diversidade, dessa diversidade romantizada, explica esse preconceito”, explicou.

Um conceito importante que deve ser diferenciado é o de preconceito e de discriminação. De acordo com Pedro Jaime, o primeiro “é o que a gente chama de uma atitude mental, uma opinião e não necessariamente um comportamento observado. Então é uma pessoa que tem preconceito e não expressa, até por receio de sofrer um processo judicial por intolerância religiosa ou por racismo, por exemplo. Já a discriminação é um comportamento observado, então é expressar publicamente o seu preconceito, não contratando uma pessoa por causa de sua religião, por causa de sua cor e raça”.





UM LÍDER “DE TODOS”

Falas e posicionamentos polêmicos são características já esperadas dos discursos do atual presidente da República, Jair Bolsonaro. O slogan de seu governo já denunciava um futuro nebuloso e de incertezas:

“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”

Em um país que há mais de 40 grupos religiosos registrados e que se constitui por um Estado laico, o que significa possuir um representante político que sobrepõe uma religião específica em sua palavra?

“Essa frase é preocupante, porque ele fala de Deus, e tudo bem que várias religiões têm essa vinculação com Deus, mas são deuses diferentes e alguns são deuses politeístas, como as religiões de matriz africana. No Candomblé, por exemplo, há várias divindades e outras religiões há a figura única de um deus, então por aí a gente já vê que é um discurso que fere essa ideia de diversidade religiosa”, explica o sociólogo Pedro Jaime. O que é preciso repensar é o quanto essa ideia de carregar uma religião ou crença em um discurso político pode acabar por prejudicar os demais religiosos não representados.

“É perigoso um slogan ser ‘Brasil acima de tudo, Deus acima de todos’, porque fere outras religiões ou quem não professa nenhuma religião, e fere a própria ideia do Estado laico” - Pedro Jaime, sociólogo e pesquisador

A dúvida que permanece é: o quanto dessas atitudes são apenas voltadas para o ganho de votos? De acordo com a visão do pesquisador, no caso das eleições presidenciais de 2018, Bolsonaro se aproximou dos segmentos religiosos evangélicos após conseguir apoio da “bancada da Bíblia”, nome popular que é usado para designar os representantes do setor cristão na Câmara dos Deputados. Outro fator apontado pelo professor é o crescimento de igrejas evangélicas, sobretudo nas periferias e comunidades do Brasil. “Então, não quer dizer que o Bolsonaro em si seja religioso, mas que ele se aproximou desse voto. E aí vários se aproximam desse voto como política de governo”, concluiu. Enquanto somos governados por um líder político de discurso não abrangente e que não pensa na diversidade, a resistência se faz necessária. Resistir é

ocupar esses espaços, participar das cerimônias e manter presente os diversos costumes religiosos presentes em nosso país. Nesse caso, existir é resistir. A pluralidade religiosa também significa a possibilidade de experimentar uma infinidade de experiências. A vivência individual, empírica e única nos permite conhecer novas culturas e novos costumes. A seguir, os relatos completam a narrativa do primeiro contato com religiões de matriz africana.



Heloísa Freitas -

Aos sete anos batizado na igreja católica (meio tarde né? Mas minha mãe não tinha muito tempo para isso). Aos doze catequese, toda sexta-feira depois da aula, irmã Esmeralda que ministrava os encontros, um amor de freira. Adolescência chegou e com isso a vontade de ir às missas de domingo diminuíram, mas eu ainda tinha que cumprir mais um sacramento que a doutrina impõe. Com 16 anos iniciei a crisma, lá conheci vários amigos e só foi neste momento que realmente me firmei nesta fé.

Apesar de ter crescido em um lar cristão, sempre respeitamos as diferenças entre crenças. Lendas e suposições correm sob religiões que não fossem as nossas. Não foi diferente com a Umbanda.

Nunca tive a oportunidade de conhecer um terreiro, mas nos últimos tempos foi necessário. Confesso que foi um grande desafio para mim, durante muito tempo essa influência fechou a minha cabeça para novas possibilidades. Parece algo pequeno, porém se eu contasse para a Heloísa de dez anos atrás que ela iria em um terreiro, com toda certeza do mundo ela não acreditaria.

Falei com uma amiga minha que ajuda no Núcleo de Umbanda Águas de Oxum, e ela me mandou todo o cronograma do centro. Decidi ir um dia que tinha a “Gira de Cigano”, uma gira voltada para problemas financeiros e amorosos. Fui até lá, e o que percebi é que a fé não se difere ao longo das religiões. O mesmo fervor que eu assisti desde muito pequena na igreja, estava presente em cada pessoa daquele lugar. Me convidaram para tomar o passe, logicamente eu aceitei, apesar de apreensiva, eu estava louca de curiosidade para ver com meus próprios olhos o que centenas de pessoas já tinham me dado relatos.

Com tudo isso pude tirar a minha própria visão. A religião nos dividiu, mas estamos eternamente unidos pela fé, todos buscamos o mesmo propósito, ser alguém melhor, e sobretudo, ser feliz. Lugares como a igreja, centros de umbanda, ou de candomblé, nada mais são do que hospitais para a alma. Aqueles que os procuram estão em busca de uma força maior que os conforte, seja Deus, Jesus, Oxalá, Oxum, ou o deus que você acreditar.

Um dos meus objetivos em fazer jornalismo é quebrar todo resquício de preconceito que um dia já foi plantado em mim, uma tarefa diária e que não descansarei enquanto não cumpri-la. Graças a este trabalho consegui quebrar mais uma barreira dentro de mim.

QUEM É HELOÍSA FREITAS? - É uma jovem de 19 anos, estudante de jornalismo e sonha em trabalhar com o parte investigativa da profissão. Nascida e criada em um lar católico, não abandonou a doutrina ao longo da vida, até hoje frequenta a paróquia São Francisco de Assis, igreja que foi apresentada desde seus primeiros anos de vida. Aos domingos vai à missa, e em datas festivas como Corpus Christi, Páscoa etc, participa das comemorações.



Aguardando serem chamadas para tomarem os passes, Heloisa e suas amigas esperam do lado de fora do centro umbanda “Núcleo de Umbanda Águas de Oxum”



Isabella Puccini -

Fui criada em uma família que não era muito religiosa. Minha mãe cresceu na igreja, mas se encontrou na Umbanda há mais de 20 anos. Meu pai sempre foi meio neutro em relação a isso. Quando eu tinha meus 10 anos, todos meus amigos iam para a catequese, então resolvi ir também, por pura convenção social. Depois de alguns meses lá dentro, eu já não aguentava mais pois tudo aquilo não fazia muito sentido para mim. Desisti da catequese e comecei a frequentar um centro espírita chamado Vila Padre Victor. Foi aí que algo começou a fazer sentido na minha cabeça.

Enquanto eu frequentava o centro espírita, eu via minha mãe indo no terreiro toda quarta-feira, mas não entendia muito bem o que era e, sinceramente, nem queria saber. Até que um dia, minha amiga começou a ir no terreiro da minha mãe e entrou na missão de me convencer a ir. Pensei: por que não? Sempre tive curiosidade para conhecer coisas novas e, como nunca tinha me sentido 100% completa em uma religião, resolvi experimentar a tal da umbanda.

Foi assim que, com 16 anos, fui pela primeira vez na Tenda do Pai Euzébio, um terreiro de Pouso Alegre, minha cidade natal. Confesso que estava um pouco receosa, com medo do que poderia acontecer. Minha mãe nunca falava sobre o que acontecia lá e eu também nunca quis saber.

Chegando no terreiro com minha amiga, minha primeira impressão foi de calma. Havia uma fila bem grande para a distribuição de senhas. Entrei na fila e esperei uns minutos para conseguir meu lugar para falar com a famosa Vó Júlia, uma entidade que coordenava o terreiro e era amada por todos. Entrei na casa onde acontecia a cerimônia e avistei muitos bancos daqueles de igreja, uma cortina pendurada na frente toda colorida e um altar maravilhoso, cheio de velas e com todos os orixás. Na verdade, nessa época eu nem sabia o que era orixá, então só pensei “nossa, que tanto de santo bonito”.

Passou cerca de 10 minutos e os cavalos e os ajudantes se reuniram em uma meia-lua no altar, todos de branco e com muitos colares coloridos, o que depois aprendi serem guias. O Sr. Alan Kardec iniciou

sua fala com algumas anotações escritas em um papel bem simples. Ele falava sobre amor e espiritualidade. Quando ele terminou de falar, todos começaram a rezar a Prece de Cáritas, que era muito longa e interminável. Eu não estava entendendo nada. O engraçado é que, hoje em dia, é minha oração favorita e sempre a rezo quando preciso me acalmar.

Depois da Prece de Cáritas, a Jurema, cavalo da Vó Júlia, falou um pouco sobre o que esperar da conversa com as entidades e terminou com sua famosa frase: “milagre nós não fazemos. Milagre só recebe quem merece”. Todos começaram a cantar uma música que falava “bate a cabeça, filhos de umbanda, salve oxalá e a nossa banda “ e todos



que estavam no altar se ajoelhavam diante do altar e encostavam a cabeça no chão diante dele. Depois que todos fizeram esse processo, foi a hora de defumar o terreiro, andando em roda e carregando velas. A defumação acabou e todos voltaram para o altar, fechando as cortinas coloridas

O processo de encarnação começou logo depois. Durante o tempo que as cortinas ficam fechadas, os cavalos recebem suas entidades e descarregam algumas pessoas selecionadas, fazendo barulhos estranhos. Nós só conseguíamos ver a cortina, de onde saíam gritos e ruídos animais que me deixaram bem assustada em um primeiro momento. Enquanto isso, as pessoas que estavam esperando cantavam músicas bem bonitas sobre vários orixás.

Finalmente, depois de todo esse ritual, começavam os atendimentos. A Ivanise (responsável pela organização do terreiro) chamava senha por senha, de acordo com a disponibilidade das entidades. Esperei por muito tempo porque a Vó Júlia é muito famosa e concorrida. Já estava quase dormindo, pois era uma segunda-feira às 22h, quando ouço “senha 84”. Era a minha senha.

Levantei, tirei meus sapatos e passei pela cortina semi aberta. Estava com um certo medo do que iriam me falar. Quando entrei no altar, avistei uma roda cheia de pessoas de branco (os cavalos) conversando com as pessoas, todos sentados em humildes banquinhos de madeira. Avistei a Jurema, que é o cavalo da Vó Júlia, e me direcionei a ela. Mal havia sentado quando a Vó me olha no fundo dos meus olhos e me indaga: “Por que você demorou tanto pra vir? Tem medo de nós, minha filha?”.

Eu travei e senti uma vergonha subindo pelo meu corpo. Não sabia o que eu responder pois ela já me conhecia e sabia o porque eu estava ali.

Depois de levar vários puxões de orelha sobre a minha fé (que não estava sendo praticada), minha conversa com a Vó Júlia acabou. Levantei, tomei a água que fica no altar e saí para encontrar minha mãe. Deixei aquele terreiro com uma leveza no corpo e uma certeza de que eu tinha, finalmente, achado o meu lugar.

Quem é Isabella Puccini? - É estudante de jornalismo e mineira, mas mora em São Paulo há dois anos. Tem 19 anos, gosta de frequentar o São Paulo Fashion Week (mesmo que não tenha ido neste semestre), tem uma cachorrinha chamada Luli e gosta de comer o hambúrguer vegetariano do São Carlos. Por causa da distância, costuma sentir falta do terreiro que a acolheu, mas sempre que a saudade aperta ela se lembra de sua guia e acende as velas que ganha de Vó Júlia. E às vezes, nas férias, retorna ao lugar que a faz tão bem todas as segundas-feiras.



Vitória Sanches -

Depois da experiência do casamento, fiquei interessada pela umbanda. Naquele mês havia de fazer um trabalho de fotojornalismo que ilustrasse o tema “religião”. Depois de pesquisar algumas igrejas, pensei: “Por que não ir ao terreiro?”. Dito e feito. Fui na noite de ciganos, uma celebração de muita festa, vinho, fartura, adornos, colares e pulseiras coloridas.

Como recomendação, evitei roupas escuras e segui para a cerimônia. Antes de começar, me apresentei à mãe Sônia, que comandaria toda a celebração e perguntei onde eu poderia circular para fazer as fotos. Ela me recomendou evitar o uso do flash e pediu para que eu tirasse meus sapatos e meias. “Sinta-se em casa, menina!”, disse a mãe, como é chamada por todos.

A cerimônia começou com os tabaques e cantos. Apagaram as luzes. Ao redor do altar composto por orixás, frutas e vinho. Velas iluminavam e davam clima ao ambiente. Após um tempo, as mulheres começaram a dançar, rodando pelo salão. Todos

olhavam e cantavam a canção que embalava o ritmo dos rodopios.

Foi então que acenderam velas e desenharam alguns símbolos no chão. Aqueles gestos meticulosamente efetuados eram observados pelas pessoas que acompanhavam a noite em um silêncio de paz. Quando a vela foi apagada por um dos homens vestidos de cigano, iniciou o momento da defumação. Aquela fumaça densa e perfumada invadia o local. Uma luz azul foi acesa e mais músicas, dessa vez mais animadas, foram cantadas pelos religiosos. Nesse momento, a mãe estava com uma entidade incorporada. Com sotaque espanhol, ela dava gritinhos e era muito animada. Veio até mim em um momento inesperado, arrancou com tudo uma das pulseiras de plástico que havia no braço e colocou no meu pulso. Deu meia volta e continuou a dançar e cantar.

Eu não entendi muito bem... eu havia ganhado um presente? Depois que a cerimônia chegou ao fim, perguntei para a minha tia se eu deveria devolver a pulseira. Ela me explicou: eu havia ganhado um presente da entidade, logo aquilo era meu. A pulseira branca de plástico com glitter dourado significava que eu era bem-vinda naquele terreiro e que poderia me sentir em família.

Ao falar com a mãe, já desencarnada, ela me explicou: “use essa pulseira quando estiver precisando de forças, quando precisar de proteção. Ela pode parecer nada demais, mas o significado dela é algo grandioso”.

QUEM É VITÓRIA SANCHES? - Uma jovem estudante de jornalismo que nutre um amor pelo lado ativista da profissão. Gosta de, às vezes, tomar uma brejinha ao lado de uma boa companhia ao fim de tarde e de dias ensolarados (mesmo que acabe um pouquinho queimada de sol). Aos quatro anos, começou os estudos em uma escola católica mas sempre teve uma pulga atrás da orelha sobre a mistura de escola com religião. Aos poucos, mesmo após a primeira comunhão, cresceu e descobriu que aquilo não era bem o que queria. Atualmente, com vinte anos de idade está explorando novas possibilidades no Espiritismo e na Umbanda - e gostando muito.





Bianca Pancini -

Nasci em uma família grande, da qual têm pessoas com diversas religiões. Inclusive, na época meus pais não tinham muito bem as suas definidas, por conta disso, tive de frequentar de tudo um pouco. Mas não acho que isso tenha sido ruim, porque conseqüentemente pude escolher a minha religião sabendo como eram as outras.

Logo que nasci minha avó paterna, que trabalhava em centro umbanda na época, fez com que meus pais me batizassem na umbanda, no entanto quando minha bisavó materna ficou sabendo do ocorrido, acabou brigando com a minha mãe e fez com que me batizasse também na igreja católica.

Com o tempo fui crescendo e aprendendo que as pessoas têm um certo preconceito com a umbanda, e por isso, comecei a esconder este meu lado. Quando me perguntavam qual religião seguia, dizia que era católica e até que tinha sido batizada.

Como meus avós paternos trabalhavam em centro, todo sábado a noite eu tinha que ir lá prestigiá-los com meus pais. Mas não nego, escondia de todos que conhecia que frequentava centros umbandas. Até porque, para mim aquilo era uma grande baboseira! Pessoas dançando, orando para sei lá quem, músicas estranhas e velas de todas as cores. Realmente era uma baita vergonha dizer que fazia parte daquilo. Mas não tinha muito o que fazer, eu era obrigada a ir.

Em 2018 a situação econômica do Brasil não estava das melhores, e depois de dezenove anos frequentando este centro, meus avós paternos resolveram virar evangélicos e fingir que nunca tinham ido em centros umbandas, afinal de contas, a culpa de estarem no “vermelho” só podia ser da religião. Eu fiquei muito confusa. Como que me fizeram ficar indo tanto tempo em um lugar que eu nem gostava, para depois virem me falar que era tudo era uma grande farsa?

Minhamãe, como uma ótima nora, escutou o lado deles e decidiu dar uma chance. Chegou a frequentar alguns cultos, e claro, me levou junto. Porém, meu pai se opôs de uma forma que nem mesmo eu imaginava, ele realmente acreditava naquilo que eu via como uma besteira, e isso mexeu muito comigo.

Com o passar do tempo, o centro em que íamos fechou por falta de verba. Mas meu pai começou a ir em outros centros umban-

das, continuou fazendo suas orações diárias com suas velas e incensos, e principalmente, prosseguiu com sua fé. Decidi então dar uma segunda chance para umbanda, afinal, se meu pai foi contra os próprios pais, aquilo realmente deveria ser importante para ele.

Eu e meus pais começamos a frequentar um novo centro umbanda, o qual nos acolheu de braços abertos. E admito, estava mais velha e portanto, mais madura. Consegui abrir minha mente e perceber como estar ali fez bem para mim e para os meus pais. Desde então entendo o quanto cada oração ou música tem seu valor, entendo a força que existe por trás de cada passe tomado ou de cada batuque dado no atabaque, e entendo de que forma aquela religião age constantemente na vida de cada um que a segue. Hoje posso dizer que eu e meus pais somos umbandistas com muito orgulho, e garanto, talvez na época eles não sabiam o quão importante seria para mim ser batizada na umbanda, mas hoje, sei que meu lugar sempre foi e sempre será aqui, orando junto ao meu pai Oxalá.

QUEM É BIANCA PANCINI? - Cabelo curto, olhos castanhos, piercing no nariz e sorriso sempre no rosto. A paulista e aspirante a jornalista tem 20 anos, e fala muito, realmente muito. Gosta de sair com os amigos mas também não deixa de ser caseira sempre que pode. Aprendeu a frequentar e respeitar várias religiões, principalmente por ter uma família eclética. No entanto, se encontrou e percebeu o quanto amava a umbanda. Desde então, nunca trocou sua religião.



Avô paterno de Bianca, trabalhando no centro umbanda no dia do batizado de sua neta



Jurema Santos -

Minha família já era espírita e meu pai era Umbandista e tinha um centro. Com 16 anos, comecei a frequentar a umbanda para desenvolver minha mediunidade no centro do meu pai. Desde então, nunca mais saí. Isso já tem uns 50 anos. Com essa idade eu descobri que era médium de incorporação. Foi quando recebi a minha criança pela primeira vez chamada Joaninha. O papel da religião na minha vida é tudo. A minha vida, hoje, é a minha religião. Para trabalhar no terreiro, tem que dar o exemplo de caráter, respeito com as entidades e os companheiros de terreiro. Sempre dar para receber.

QUEM É JUREMA SANTOS? - Nascida em Pouso Alegre, interior de Minas Gerais, tem 66 anos e foi criada em uma família espírita, que foi responsável por fundar o primeiro centro umbandista da cidade. Hoje, ela trabalha como enfermeira e no terreiro como médium de incorporação toda segunda e quarta-feira. Jurema é o cavalo da Vó Júlia, responsável por coordenar a gira no centro.



A **Umbanda** é muito conhecida por conter uma alta participação dos religiosos. Ao contrário de outras religiões mais teóricas, as religiões de matriz africana proporcionam uma conversa com os espíritos e outras diversas interações. Dentro dessas consultas com os espíritos, os mesmos dão dicas e conselhos que podem ajudar as pessoas a tomarem decisões importantes e difíceis. É raro uma pessoa ser umbandista e não ter uma boa história para contar.





Marcos Carvalho -

Nós fizemos um trabalho em uma quarta-feira e eu falei para o Seu Caveirinha que era pra ele me ajudar a terminar a minha casa. Porque eu já estava investindo bastante recurso, meu recurso tava acabando e minha casa não ficava pronta. aí ele pegou e falou assim: “Por que você não vende o seu corre-corre?”. Corre-corre na linguagem deles é o carro. Eu pedi então para ele: “Ó seu Caveirinha, me ajude então a vender o veículo que eu termino a minha casa e vou morar nela”. Aí ele falou assim: “Então tá bom”. No outro dia de manhã, eu parei em frente ao supermercado central, entrei no mercado, comprei tudo e, quando eu voltei, tinha um moço que tinha um açougue no mercado chamado Luiz Carlos, e ele chegou e falou assim pra mim: “Marquinhos, você quer me vender o seu carro?”. Dai eu virei e falei: “Ué, vendo, uai”. Foi cerca de meia hora, quarenta minutos e o negócio já estava concretizado. Eu peguei o dinheiro, fui nas casas de material de construção em Pouso Alegre, uma inclusive em Campinas, e consegui comprar tudo o que eu precisava para terminar a minha casa.

QUEM É MARCOS CARVALHO? - Marcos é nascido na cidade de Pouso Alegre e, atualmente, é gerente do banco itaú. Frequenta o terreiro de umbanda chamado “Tenda do Pai Euzébio” toda quarta-feira e participa de trabalhos especiais, que são realizados nesses dias.



“Tenda do Pai Euzébio” em dia de comemoração



Carlos Soares -

A Umbanda é, para mim, o meu esteio, o meu equilíbrio, o meu porto seguro. Ela, através das entidades, dos pretos-velhos, dos caboclos, dos baianos, das crianças, do povo da cura, dos escoras... ela foi e é para mim esse porto seguro porque, através daquilo que eu ouvi ao longo dos anos, através das orientações que eles me passaram, através dos ensinamentos, eu pude estar seguindo e trilhando esses caminhos que eles foram me sugerindo e, através daquilo que eu fui fazendo, do meu livre-arbítrio, procurando evoluir, procurando melhorar, e pelos ensinamentos eu posso dizer que tudo que eu busquei ao longo desses anos eu consegui.

Eu consegui evoluir como pessoa, como filho, como pai, como marido, como trabalhador e como ser humano. Através de tudo aquilo que eu aprendi e coloquei em prática. E também, através desses ensinamentos, os bens materiais necessários à minha sobrevivência, à sobrevivência da minha família, eu consegui com o meu trabalho, mas através das orientações recebidas, mais especificamente da minha querida Vó Júlia, que foi e é a minha segunda mãe, a minha mãe espiritual, que tanto me ajudou e tanto me ajuda. Então, posso dizer do fundo do meu coração, pela minha família, por tudo que eu vivi, por tudo que eu ainda tenho para viver, se deus quiser, eu vou muito à umbanda.

QUEM É CARLOS SOARES? - Morador de Pouso Alegre, é umbandista há 42 anos e batizou sua filha como Júlia em homenagem à Vó Júlia, uma preta-velha do terreiro que frequenta. Já foi gerente de banco e hoje trabalha na Secretaria de Educação de Pouso Alegre, frequentando o terreiro toda quarta-feira.



Alessandro de Oliveira -

Alguns momentos me marcaram bastante. Teve uma vez, em uma festa da esquerda, que senti algo inigualável. Desde aque-

le dia nunca mais vi os trabalhos como antes, perdi o medo e percebi que todos que estavam ali tinham propósito de me ajudar.

QUEM É ALESSANDRO DE OLIVEIRA? - O estudante do ensino médio frequenta centros umbandas há sete anos, e por mais que seja jovem, tem plena consciência da importância da religião em sua vida.



Elisângela Palucci -

Minha primeira filha, Vitória, nasceu com 6 meses. Há 24 anos atrás era muito difícil Sobreviver, ela nasceu com 930 gramas e teve ao nascer 3 paradas respiratória e não respondeu aos estímulos. Então faltou oxigênio no cérebro os médicos não me deram esperanças nenhuma que se ela sobrevivesse seria um vegetal por toda vida. Me desesperei nada pra mim. Fazia sentido naquele momento já fazia 17 dias que ela respirava por aparelhos tão pequena e indefesa eu pedia a Deus para salvar ela então minha avó que se recuperava de uma cirurgia veio até o hospital e pediu para ver minha filha os médicos olharam aquela senhora de branco e disseram senhora ela não responde aos estímulos minha avó disse posso ver ela aí autorizaram então minha vó entrou incorporou a preta velha abriu a incubadora e benzeu a Vitória e ali ficou por uma hora por Deus vitória abriu os olhos e se mexeu ninguém acreditou juro. A avó saiu e disse ela tava salva seria uma grande menina.

QUEM É ELISÂNGELA PALUCCI? - Moradora do Itaim Paulista, Elisângela se casou com Erivaldo e teve três filhas. Atualmente tem 41 anos e trabalha como técnica em nutrição, e por mais que tenha uma rotina complicada, não deixa de se dedicar para um de seus grandes amores, a umbanda.





Mariana Trevisan -

Quando me casei, fui para a Europa ficar 25 dias de lua de mel. Dias antes, nosso vôo foi mudado e ganhamos uma noite em Madri, que não estava no roteiro. Achamos ótimo, afinal, seria mais um país. Chegou o grande dia do casamento, com uma cerimônia espírita (eu frequentava Centro Kardecista) e uma festa deliciosa com orquestra. No dia seguinte, mais festa no sítio dos meus pais e fomos para SP para embarcarmos.

Seguimos para Madri. Chegamos de manhã e já fomos andar aos arredores do hotel, para conhecermos. Almoçamos, descansamos e fomos à noite jantar em um restaurante típico, com dança flamenca e paella como prato principal. Tudo perfeito: lugar lindo, ao lado do amor da minha vida... mas quando chegamos ao hotel, de volta do jantar, eu estava agoniada. Já tinha ligado para os nossos pais e estava tudo bem, mas chegando no quarto já comecei a chorar e chorar e chorar. Eu chorava compulsivamente, a ponto do meu marido achar que eu tinha me arrependido de casar. Ele perguntava se eu queria voltar para o Brasil, se não gostava dele, se estava infeliz... e eu não conseguia responder! Só chorava. Assim foi madrugada afora. Amanheceu, tomamos café, e eu toda desfigurada de tanto chorar. Decidimos seguir para Paris para continuarmos nossa viagem tão planejada, sem entender o que havia acontecido.

Chegando em Paris eu já era outra. E assim foi o restante de nossa viagem: inesquecível! Lugares e pessoas que conhecemos que ficarão para sempre, de forma positiva, em nossas mentes e corações.

Depois de alguns anos, comecei a frequentar um terreiro de umbanda e, em uma das sessões, o preto velho, Pai Benedito, me perguntou se eu me lembrava de quando passei por uma cidade em que vivi em outra encarnação. Eu me assustei e disse que não. Foi quando ele me fez lembrar de Madri e disse que o meu choro era da lembrança de quando havia vivido lá e sofrido muito. Foi aí que tudo fez sentido para mim.

QUEM É MARIANA TREVISAN? - Nascida em Campinas, mora em Pouso Alegre atualmente e frequenta a umbanda há mais de 20 anos. Foi criada na religião católica, mas mudou suas crenças conforme seu crescimento. É formada em fonoaudiologia, mas hoje é proprietária e gerente financeira da Trevauto, uma concessionária de automóveis da Ford. Mesmo com sua rotina corrida, não deixa de frequentar o terreiro “Tenda do Pai Euzébio” toda segunda e quarta-feira, participando de alguns trabalhos e giras especiais.





GLOSSÁRIO



GIRA: nome dado aos cultos umbandistas

UMBANDISTAS: nomenclatura dos religiosos. Nomes como fiéis e crentes não são adequados

CASA, TERREIRO OU BARRACÃO: local onde as cerimônias acontecem.

PAI OU MÃE DE SANTO: pessoa responsável por comandar o terreiro e dirigir os ritos

PASSE: sessão na qual a entidade reorganiza o campo energético da pessoa.

CERIMÔNIA: local onde são realizadas sessões de passe

DESCARREGO: quando a energia negativa da pessoa é captada e transferida para o terreiro

PONTOS DE UMBANDA: canções para chamar, se despedir e louvar os orixás

MÉDIUM: pessoas que possuem uma sensibilidade maior para coisas extraordinárias, a exemplo de ver, ouvir e sentir espíritos

ENTIDADE: espírito que encarna em algum médium

CAVALO: médium que recebe o espírito

ORIXÁS: espécie de deuses da religião

OXALÁ: maior orixá da umbanda. Foi responsável pela criação dos seres humanos e é sincretizado como Jesus Cristo

OXUM: orixá da fertilidade, do amor e do ouro. Ela representa a pureza, a beleza, a moral e a figura materna

OGUM: é o orixá guerreiro, que representa as batalhas da vida
Iemanjá: é a rainha do mar e a mãe de todos os orixás. Protetora dos marinheiros, da fauna, da flora e da família. É a figura da Umbanda mais famosa no Brasil

XANGÔ: orixá da sabedoria e da justiça e é responsável por designar o devido castigo a quem merece

IANSÃ: é a orixá das tempestades e dos ventos. Também é conhecida como protetora dos mortos

OXOSSI: conhecido como senhor das matas e dos caboclos, além de protetor dos animais

OMULÚ: orixá da saúde, que atua sobre os doentes, cemitérios e hospitais

NANÃ: mãe do destino e o orixá mais velho do panteão africano

LINHAS DE UMBANDA: são sete no total, sendo que cada uma possui um propósito e uma vibração

LINHA DO PRETO VELHO: é formada por espíritos que se apresentam como idosos, geralmente africanos e que eram escravizados

LINHA DO CABOCLO: é uma linha de trabalho, mas de espíritos que se apresentam como indígenas. É liderada por Oxóssi

LINHA RELIGIOSA: considerada a primeira linha de umbanda, funciona como o reflexo de Deus e do início da fé

LINHA DO POVO D'ÁGUA: ela possui como líder a orixá Iemanjá e é a linha mais feminina, que trabalha através do poder da água

LINHA DA JUSTIÇA: é liderada por Xangô e ordena tudo que está relacionado à justiça e à razão

LINHA DAS DEMANDAS: possui como líder o orixá Ogum e está relacionada com os conflitos e guerras do dia a dia

LINHA DAS CRIANÇAS: é coordenada por Iori (que representa Cosme e Damião) e abrange todas as crianças, que são conhecidas como espíritos altamente evoluídos

